

## **O ESCABELO DE FRANÇOIS AUGIÉRAS: ESCRITURA E PINTURA DO CORPO DO DE-LITO (DE-LEITO)<sup>1</sup>**

PHILIPPE LACADÉE

Resumo: O autor se aproxima da biografia de François Augiéras para localizar sua solução *sinthomática*, como resposta ao real que se impunha para ele. Ele se realiza como *o artista delinquente*, do qual ele não cessará de fazer o retrato, encontrando a sublimação de uma escritura e de uma pintura em que ele será aquele que se crê mestre de seu ser, alojado em Uma fórmula. *A fórmula O velho e a criança* sustentará até o fim toda sua escritura.

Palavras-chave: sinthoma, real, gozo, escabelo

## **O escabelo de François Augiéras: escritura e pintura do corpo do de-lito (de-leito)<sup>2</sup>**

PHILIPPE LACADÉE

Augiéras nasceu em 1925, nos USA, e morreu em 1971 numa grande precariedade, em Domme, bem próximo de sua gruta, onde ele amava se refugiar. Ele havia escrito na nota biográfica de seu livro *Viagem ao Monte Athos*<sup>3</sup> que, tendo abandonado seus estudos aos quinze anos, “ele se volta rapidamente para uma espécie de vagabundagem”<sup>4</sup>. No decorrer da vagabundagem que orienta sua vida, ele escreve ter encontrado lugares determinantes para abrigar sua “solidão extrema” e “sua crueldade da vida”. Seu primeiro lugar é aquele do deserto em El-Goléa, exposto a céu aberto, depois a gruta da Montanha Santa do Monte Athos e, no final de sua vida, a gruta de Domme. São lugares fontes do Apelo e do Despertar da lógica de sua *obra-vida*. Como ele escreverá, desde seu primeiro livro, *O velho e a criança*<sup>5</sup>, que surge no coração da Pedra do deserto, há nele uma espécie de equação a ser resolvida em relação a essa fórmula estranha – *O velho e a criança*. Ela se impõe para ele na escritura de sua vida fora da norma: verdadeira trajetória rimbaudiana sustentada pela frase de Artur Rimbaud no fim de sua poesia *Vagabundos*, “eu apressado para encontrar o lugar e a fórmula”<sup>6</sup>.

Em maio de 1925, seu pai, Pierre, morre de apendicite aguda em três dias, no hospital de Rochester, quando sua mãe estava grávida dele. Ela jamais irá se recuperar desse traumatismo (*troumatisme*)<sup>7</sup> que veio esburacar com um real inassimilável sua vida. Os significantes *Pierre* e *Rochester*<sup>8</sup>, enlaçados ao nome de seu pai assim como ao lugar de sua morte e de seu nascimento, foram determinantes para François, que testemunhará (ou falará) muitas vezes o impacto da ressonância dessas palavras nele próprio. Alguma coisa da Pedra (*Pierre*) que ele poderia ser para sua mãe e da Rocha (*Roche*) que o acolherá no fim de sua vida foram pontos de apoio da *motérialité*<sup>9</sup> da língua que vieram arrematar<sup>10</sup> eu nascimento com a escritura e com as errâncias de seu percurso na natureza.

Face à carência real de seu pai, a isso de seu pai que não foi jamais transmitido, sua solução foi a de inventar sua pai-versão<sup>11</sup> na fórmula de *O velho e a criança*, criada a partir da figura de seu tio Marcel. É a esse coronel aposentado, especialista em astrologia e criador de um museu no forte de El-Goléa, a esse velho cego que ele escreve se oferecendo como seu objeto de gozo, criança escrava. A invenção dessa relação lhe serve para estabelecer seu pacto de gozo com o Céu, via o corpo de seu tio. Ela é o que sustentará sua escrita; ele retorna a ela sem cessar, na necessidade de apreender o que ele nomeará seu “estranho jornal de artista”.

“Quando um ensaio é mais verdadeiro que um relato ninguém desconfia, ou admite. Sou somente um bárbaro e vivi muito só<sup>12</sup>”. Como diz Lacan de Joyce, “O que ele escreve é a consequência daquilo que ele é. Mas até onde vai isso?<sup>13</sup>”. E “Quando se escreve, pode-se muito bem tocar o real, e não o verdadeiro<sup>14</sup>”.

Sua solução, a considerar em termos de um *sinthoma*, como disse Lacan para Joyce, foi de escrever uma *obra-vida* incluindo *A via do real* que se impunha para ele.

Ele encontrou em El-Goléa O lugar para realizar, no real de sua carne viva, a frase de Rimbaud “eu apressado para encontrar o lugar e a fórmula<sup>15</sup>”. **O lugar** é o Leito de ferro do tio colocado no alto de sua habitação, sob o céu, lugar de sua experiência de gozo, lugar do delito (*dé-lit*, do leito) de sua *Estação no inferno*. O Leito de ferro é seu pedestal, seu escabelo<sup>16</sup>, o que lhe permite elevar sua vida, como “Arte do surgimento” à dignidade da *Coisa escrita e pintada*<sup>17</sup>. Ele se realiza como *o artista delinquente*, do qual ele não cessará de fazer o retrato, encontrando a sublimação de uma escritura e de uma pintura em que ele será aquele que se crê mestre de seu ser, alojado em Uma fórmula. **A fórmula** *O velho e a criança* sustentará até o fim toda sua escritura<sup>18</sup>. “*O velho e a criança*: a fórmula canta às vezes em minha cabeça, sem nada evocar de preciso; mas isso me pertence de alguma maneira, ‘isso’ me vem de uma vida”, mais precisamente “Minha mais bela obra de arte seria minha vida<sup>19</sup>”.

“Seu desejo de ser um artista que ocuparia todo o mundo” da literatura, e de modo provocante, “não é exatamente o compensatório do fato que, digamos seu pai não foi jamais para ele um pai?”. Seu pai morto não lhe ensinou nada, e sua mãe, de mais a mais, negligenciou aproximadamente todas as coisas.

Para Joyce, “Não há nisso alguma coisa como uma compensação dessa demissão paterna, dessa *Verwerfung* de fato, no fato de Joyce ter se sentido imperiosamente chamado?<sup>20</sup>”.

No apelo imperioso da natureza, Augièras encontra a certeza do apelo de Deus. “Escuto o apelo vindo dos astros e é em mim primeiramente que suspeito que uma nova raça nasceu<sup>21</sup>”.

Em *A via do real* da natureza, Augièras escuta em eco, no cerne do íntimo de seu ser, o apelo disso que há nele de *Sagrado* e de *Luz Primordial*.

A dimensão do apelo é “a mola própria pela qual o nome próprio é, nele, alguma coisa estranha<sup>22</sup> de onde o surgimento de seu estranho jornal com o nome de

Abdallah Chaamba, seu novo nome de escritor, é o mais perto possível da Pedra do deserto.

Augiéras se encarrega com gravidade desse apelo de Deus e da natureza, é seu Outro. "O Outro do qual se trata se manifesta em Joyce por isso que em suma ele é encarregado do pai".

Para Augiéras, esse Outro bem além do pai, ou de seu substituto, o tio, é o Deus do universo, o Deus do Céu do qual ele sentiu o Apelo e do qual ele está encarregado. "Deus quer me ensinar alguma coisa"<sup>23</sup>. O Céu, esse Deus dos astros, ele deve sustentá-lo para que ele subsista. Ele vai fazê-lo por sua Arte, que é o que, desde o recôndito dos tempos, aparece-nos sempre como nascida do artesão ou do pintor primitivo da caverna – daí sua paixão pela pintura. Ele vai "ilustrar o espírito incriado de minha raça", pela qual ele vai criar sua *Arte do surgimento* e se apresentar como o artista delinquente. Então, Augiéras, como também Joyce, "se dão a missão"<sup>24</sup>, "A imaginação de ser O Redentor, pelo menos em nossa tradição, é o protótipo da pai-versão. Na medida em que há a relação de filho com pai, surge essa ideia tresloucada do redentor, e isso há muito tempo. O sadismo é para o pai, o masoquismo é para o filho"<sup>25</sup>.

Seu primeiro livro, *O velho e a criança*, matriz original de toda sua obra, ilustra como se desembaraça de toda servidão vinda do Outro, de sua mãe ou dos padres da igreja, e ressuscita nele o estado de espírito *Sagrado* do homem primitivo que apareceu como um acontecimento e uma revelação na criança árabe. Ele se incarna no nascimento da escritura, segundo a ideia tresloucada do Redentor ter ele mesmo sido transformado, uma vez, em um jovem árabe selvagem. Ele cria para si um novo nome na literatura, Abdallah Chaamba, *criança sagrada* surgida no real de sua "escritura" (*écriture*)<sup>26</sup>. É para ele "uma tentativa de resgate pela literatura"<sup>27</sup>. Mais tarde ele pensará ser *O homem Novo* encarnando o plano divino, seja *A claridade da Luz primordial*.

Depois de alguns anos, encontro nas profundezas de minha consciência uma zona de luz interna, eterna, divina. Qual nome lhe dar? Minha missão nesse Mundo, e nessa vida, é talvez ser um escritor profundamente religioso – não cristão – e, por esse fato, capaz de alcançar almas eternamente estrangeiras ao cristianismo. Estou persuadido que essa definição de meu papel nesse século é o essencial de meu esforço – e que não há nada mais para esperar de mim<sup>28</sup>.

Ele procurava um regime de espírito para além das religiões que ele rejeitava. Para isso, lhe era preciso se deixar possuir, por isso que ele nomeará o real – o real da natureza, ou real mais íntimo, aquele de sua carne transbordada por um gozo do

vivente caótico e fora do sentido. “Um ponto frágil de meu destino sendo quase unicamente uma sensualidade por vezes bastante pesada<sup>29</sup>”.

Ele nomeia a *gravidade* essa sensualidade fora de sentido que nele estava em jogo. Ele não cessará de entrar em relação com a potência vital e gozo da natureza, porquanto de modo *extimo*<sup>30</sup>, o real da natureza era o coração dele mesmo. Ele tinha nele essa sensação de um gozo fora da norma, dado que sem limite. Ele ia até mesmo oferecer seu corpo à árvore, ou àqueles elementos naturais que ele encontrava, para aí ressuscitar em sua energia vital. Sua relação com a natureza lhe causava transportes de gozo, podendo ir até o êxtase da metamorfose, como ele a descreverá em *Viagem ao Monte Athos*. Ele não vai querer jamais renunciar à característica sagrada do gozo do selvagem primitivo ou de *seu feliz delírio sonoro sagrado*, rejeitando tudo o que a civilização ocidental vinha ocidentalizar sua verdadeira vida. Está aí *A via do real* como experiência do sagrado, “Eu coloquei minha alma e meu destino entre as mãos Daquele que É, lhe dizendo faça de mim o que bem lhe pareça<sup>26</sup>”. Levado por esse Deus que lhe traz um imenso deleite, ele vive, no coração de sua *obra-vida* incarnada, um outro regime de espírito do qual sua escritura e sua pintura foram assombradas, e do qual ele consente testemunhar para a salvação dos homens, uma vez que essa era sua Missão.

Tradução: Cristiana Pittella

Revisão: Bruna Simões de Albuquerque e Pedro Braccini Pereira

---

<sup>1</sup> NT: O autor faz uma escansão com a palavra *délit* (delito) – dé-lit. Faz ressoar o equívoco dé-lit (delito) com dé-lit (do leite), pois o delito de Augiéras se passa no leite do tio. Ele se nomeava ele mesmo de “Artista delinquente”. Encontramos na ficção *O velho e a criança* a importância desse leite de ferro.

<sup>2</sup> NT: O autor faz uma escansão com a palavra *délit* (delito) – dé-lit. Faz ressoar o equívoco dé-lit (delito) com dé-lit (do leite), pois o delito de Augiéras se passa no leite do tio. Ele se nomeava ele mesmo de “Artista delinquente”. Encontramos na ficção *O velho e a criança* a importância desse leite de ferro.

<sup>3</sup> *Voyage au Mont Athos*.

<sup>4</sup> AUGIÉRAS, F. **Voyage au Mont Athos**. Grasset, 1996, p. 12.

<sup>5</sup> *Le vieillard et l'enfant*.

<sup>6</sup> RIMBAUD, A. “Vagabonds” In: **Arthur Rimbaud, Œuvre-vie**. Editions du centenaire Arléa, 1991, p. 349 e **Livre Lac**, cf. capítulo 1, nota 6.

<sup>7</sup> NT: Neologismo inventado por Lacan J., cf. **Le séminaire Les non-dupes errent**, 19-02-1974.

<sup>8</sup> NA: Escolhi escrever em letra maiúscula os significantes pedra e rocha porque, para Augiéras, significam a ressonância do prenome de seu pai, bem como seu lugar de morte, o que teria para ele um valor de uma letra sobre a qual ele construirá um valor de gozo como fonte original de sua visão do real.

<sup>9</sup> NT: Neologismo de Lacan que evoca em sua sonoridade a materialidade da palavra (*motérialité*), do signifiante.

<sup>10</sup> NT: Em francês o verbo utilizado foi "capitonner", que remete à costura clássica de estofados "capitoné".

<sup>11</sup> NT: *Père-version*, jogo de palavras de Lacan com "perversão".

<sup>12</sup> AUGIÉRAS, F. **Voyage des morts**. Grasset, 2000, p. 15.

<sup>13</sup> LACAN, J. "Le Séminaire, livre xxiii", **Le sinthome**, 1975-1976, texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Éditions du Seuil, mar. 2005, p. 79.

<sup>14</sup> Ibid, p 80.

<sup>15</sup> RIMBAUD, A. "Vagabonds", **Œuvre-vie**. Editions du centenaire estabelecido por Alain Borer. Arléa, 1991, p. 349.

<sup>16</sup> LACADÉE, P. **François Augiéras: l'homme solitaire et la voie du réel**. Editions Michéle 2016, Avant-propos, nota 8.

<sup>17</sup> cf LACADÉE, P. Op cit. Avant-propos.

<sup>18</sup> ibid, p. 84-85.

<sup>19</sup> LACADÉE, P. Op cit., 86.

<sup>20</sup> LACAN, J. **Le sinthome**, p. 89.

<sup>21</sup> AUGIÉRAS, F. **Adolescence au temps du Maréchal**, Editions de la différence, 2001, p. 160.

<sup>22</sup> LACAN, J. **Le sinthome**, p. 89.

<sup>23</sup> AUGIÉRAS, F. "Lettre du 14 Mars 1969, à Pierre-Charles Nivière" In: **La Nouvelle Revue Française**, Jan. 2001, nº 556, p. 90.

<sup>24</sup> LACAN, J. **Le sinthome**, op. cit. p. 22.

<sup>25</sup> Ibid, p. 85.

<sup>26</sup> NT: "escritura" é uma invenção do autor, junção de *écriture* e *creature*.

<sup>27</sup> LACADÉE, P. op, cit. p. 103.

<sup>28</sup> AUGIÉRAS, F. "Lettre du 4 Janvier 1969 à Pierre Charles Nivière" In: **La Nouvelle Revue Française**, op, cit., p 84.

<sup>29</sup> Ibid, p. 87.

<sup>30</sup> LACAN, J. "Le Séminaire, livre vii" In: **L'éthique de la psychanalyse**, 1959-1960, texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Éditions du Seuil, 1998, p. 167. Neologismo inventado por Lacan.

<sup>26</sup> AUGIÉRAS F. "Lettre du 14 Mars 1969, à Pierre Charles Nivière" In: **La Nouvelle Revue Française**, op. cit. p. 88.